

**PELE
NEGRA,
MÁSCARAS
BRANCAS
FRANTZ
FANON**

FRANTZ FANON
PELE NEGRA, MÁSCARAS
BRANCAS

tradução

SEBASTIÃO NASCIMENTO

com colaboração de

RAQUEL CAMARGO

ubu

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Prefácio, Grada Kilomba](#)

[PELE NEGRA MÁSCARAS BRANCAS](#)

[Introdução](#)

[1. O negro e a linguagem](#)

[2. A mulher de cor e o branco](#)

[3. O homem de cor e a branca](#)

[4. Sobre o suposto complexo de dependência do colonizado](#)

[5. A experiência vivida do negro](#)

[6. O negro e a psicopatologia](#)

[7. O negro e o reconhecimento](#)

[À guisa de conclusão](#)

[Posfácio, Deivison Faustino](#)

[TEXTOS COMPLEMENTARES](#)

[Reconhecimento de Fanon \[Francis Jeanson, 1965\]](#)

[Introdução à edição inglesa \[Paul Gilroy, 2017\]](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

Título original: *Peau noire, masques blancs*

© Editions du Seuil, 1952 e 1971

© Ubu Editora, 2020

© Francis Jeanson, 1965

© Paul Gilroy, 2017

FOTO FRANTZ FANON, FUNDO FRANTZ FANON/IMEC

**COORDENAÇÃO EDITORIAL FLORENCIA FERRARI E
ISABELA SANCHES**

EDIÇÃO MARIA EMÍLIA BENDER

ASSISTENTE EDITORIAL JÚLIA KNAIPP

PREPARAÇÃO CACILDA GUERRA

**REVISÃO RITA DE CÁSSIA SAM, CLÁUDIA CANTARIN E
ANDRÉA BRUNO**

DESIGN ELAINE RAMOS

ASSISTENTE DE DESIGN LIVIA TAKEMURA

COMERCIAL LUCIANA MAZOLINI

ASSISTENTE COMERCIAL ANNA FOURNIER

GESTÃO SITE/CIRCUITO UBU BEATRIZ LOURENÇÃO

**CRIAÇÃO DE CONTEÚDO/CIRCUITO UBU MARIA
CHIARETTI**

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO JÚLIA FRANÇA

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Este livro foi lançado por ocasião do mês da Consciência Negra na edição de novembro de 2020 do Circuito Ubu – o clube de leitura e assinatura da Ubu. Saiba mais em circuito.ubueditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB–8/9410

Fanon, Frantz [1925–1961]

Pele negra, máscaras brancas/Frantz Fanon; título original: *Peau noire, masques blancs*; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de

Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy.

São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ISBN 978 65 86497 18 2

1. Psiquiatria. 2. Racismo. 3. Psicanálise. 4. Colonização. 5. Pensamento anticolonial. I. Nascimento, Sebastião. II. Camargo, Raquel. III. Título.

2020–2487 CDD 305.8 CDU 323.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo 305.8
2. Racismo 323.14

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora

Capítulo 5

A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO NEGRO

“Negro imundo!” Ou simplesmente: “Olhe, um negro!”. Vim ao mundo preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Encerrado nessa objetividade esmagadora, supliquei a outro alguém. Seu olhar libertador, deslizando sobre o meu corpo subitamente livre de asperezas, restituiu em mim uma leveza que eu acreditava perdida e, afastando-me do mundo, devolveu-me ao mundo. Mas, lá, tropecei já na contravertente, e o outro, por meio de gestos, atitudes, olhares, fixou-me, como se fixa um corante com um estabilizador. Eu me enfureci, exigi uma explicação... Nada adiantou. Explodi. Eis aqui os estilhaços recolhidos por um outro eu.

Enquanto o negro estiver em seu lar, não precisará, exceto por ocasião de lutas internas de menor gravidade, pôr seu ser à prova de outrem. É óbvio que existe o momento de “ser para o outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Isso parece não ter recebido atenção suficiente daqueles que escreveram sobre a questão. Existe, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que impugna qualquer explicação ontológica. Talvez possam objetar que o mesmo acontece a qualquer indivíduo, mas isso significaria mascarar um problema fundamental. A ontologia, quando se admite de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco. Alguns teimarão em nos lembrar de que a situação tem duplo sentido. Respondemos que isso é falso. O negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco. Os negros, de um dia para o outro, passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar. Sua metafísica, ou, menos pretensiosamente, seus costumes e as instâncias às quais remetem foram abolidos, pois estavam em contradição com uma civilização que eles desconheciam e que lhes foi imposta.

O negro em seu lar, no século XX, ignora o momento em que sua inferioridade passa pelo outro... Sem dúvida, chegamos a discutir o problema negro com amigos ou, mais raramente, com negros americanos. Juntos, protestamos e afirmamos a igualdade dos homens perante o mundo.

Também nas Antilhas havia esse pequeno hiato entre a branquelada, a mulatada e a negrada.¹ Mas nos contentávamos com uma compreensão intelectual dessas divergências. De fato, isso não era nada dramático. E então...

Então nos coube enfrentar o olhar branco. Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo, reina uma atmosfera de clara incerteza. Eu sei que, se quiser fumar, precisarei esticar o braço direito para alcançar o maço de cigarros que está na outra ponta da mesa. Os fósforos, por sua vez, estão na gaveta da esquerda; precisarei recuar um pouco. E todos esses gestos, eu os faço não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e temporal, parece ser esse o esquema. Ele não se impõe a mim, é em vez disso uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, porque se estabelece uma dialética efetiva entre meu corpo e o mundo.

Já faz alguns anos que laboratórios tentam descobrir uma poção de desnegritação; com a maior seriedade do mundo, laboratórios enxaguaram seus tubos de ensaio, calibraram suas balanças e deram início a pesquisas que permitirão aos pobres negros se branquearem e, assim, não mais terem de carregar o peso dessa maldição corporal. Eu havia criado, por baixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos por “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, vestibular, cinestésica e visual”,² mas pelo outro, o branco, que teceu para mim milhares de detalhes, anedotas, relatos. Achava que tinha de construir um eu fisiológico, equilibrar o espaço, localizar sensações, e eis que me pediam um suplemento. “Olhe, um negro!” Era um estímulo externo que me futucava de passagem. Eu esboçava um sorriso.

“Olhe, um negro!” Era verdade, eu me divertia.

“Olhe, um negro!” O círculo pouco a pouco se estreitava. Eu me divertia abertamente.

“Mãe, olhe o negro, estou com medo!” Medo! Medo! E eis que agora eu era temido. Queria me divertir com isso até engasgar, mas isso se havia tornado impossível para mim.

Eu não aguentava mais, pois já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, acima de tudo, a *historicidade*, sobre a qual Jaspers me havia ensinado. O esquema corporal, atacado em vários pontos, então desabou, dando lugar a um esquema epidérmico racial. A partir daí, não se tratava mais de um conhecimento do meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. A partir daí, em vez de um, deixavam-me dois, três assentos livres no trem. Eu já não me divertia mais. Não encontrava mais nenhuma das coordenadas febris do mundo. Eu existia triplamente: ocupava um lugar, ia na direção do outro... e o outro – evanescente, hostil, mas não opaco, e sim transparente, ausente – desaparecia. Era nauseante...

Eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais. Eu me percorri com um olhar objetivo, descobri minha negrura, meus traços étnicos – e então me arrebetaram o tímpano com a antropofagia, o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros e, acima de tudo, acima de tudo o mais: “*Y’a bon banania*”.³

Àquela altura, desorientado, incapaz de sair por aí com o outro, o branco implacável que me aprisionava, fui para longe da minha própria presença, muito longe, e me fiz objeto. O que mais seria isso para mim, senão um descolamento, uma extração, uma hemorragia que fazia sangue negro coagular por todo o meu corpo? Mesmo assim, eu não queria essa reconsideração, essa tematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Queria ter chegado lépido e jovial a um mundo que fosse nosso e que juntos construíssemos.

Mas eu recusava qualquer tetanização afetiva. Queria ser humano, nada além de humano. Alguns me vinculavam aos meus ancestrais, escravizados, linchados: decidi aceitar. Foi por meio do plano universal do intelecto que compreendi este parentesco interno – eu era neto de escravos nos mesmos termos em que o presidente Lebrun o era de camponeses sujeitos à corveia e ao arbítrio.⁴ No fundo, o alvoroço se dissipou rapidamente.

Nos Estados Unidos, os negros são segregados. Na América do Sul, grevistas negros são açoitados nas ruas e metralhados. Na África Ocidental, o negro é uma besta. E aqui, muito perto de mim, bem ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que me diz: “Enquanto insistirem em fazer do árabe uma pessoa como nós, nenhuma solução será viável”.

— Veja só, meu caro, o preconceito de cor é algo que desconheço... Mas, claro, senhor, pode entrar, o preconceito de cor não existe aqui entre nós... Exatamente, o negro é uma pessoa como nós... Não é porque é negro

que ele é menos inteligente que nós... Tive um colega senegalês no regimento, ele era muito fino...

Onde me situar? Ou, se preferirem: onde me enfiar?

— Martinicano, oriundo das “nossas” velhas colônias.

Onde me esconder?

— Olhe o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a gente...

Meu corpo me era devolvido desmembrado, desmantelado, arrebatado, todo enlutado naquele dia branco de inverno. O negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio; olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer.

À minha volta o branco, no alto o céu se rasga pelo umbigo, sob meus pés a terra range e um canto branco, branco. Toda essa brancura que me calcina...

Sento-me ao pé do fogo e encontro a minha libré. Não a havia visto antes. Ela é realmente feia. Mas paro aqui, pois quem me dirá o que é a beleza?

Onde me enfiar dali em diante? Sentia subir das incontáveis dispersões do meu ser um fluxo facilmente reconhecível. Eu ia ficar com raiva. Fazia tempo que o fogo estava apagado, mas o negro voltava a tremer.

— Olhe como é bonito esse negro...

— O negro bonito quer que a senhora se foda, madame!

A vergonha ornava seu rosto. Finalmente eu me libertava da minha ruminação. Realizava duas coisas de uma só vez: identificava meus inimigos e causava escândalo. Satisfação plena. Podíamos afinal nos divertir.

Delimitado o campo de batalha, entrei na disputa.

Como? Enquanto eu esquecia, perdoava e somente desejava amar, minha mensagem me era devolvida como uma bofetada em pleno rosto. O mundo branco, o único respeitável, negava-me qualquer participação. De um homem se exigia uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem negro [*noir*] – ou, se tanto, uma conduta de negro [*nègre*]. Eu saudava o mundo com um aceno e o mundo me amputava o entusiasmo. Estavam pedindo que eu me confinasse, que eu me encolhesse.

Eles iam ver só! Mas eu já os havia advertido... Escravidão? Não se falava mais disso, era uma lembrança ruim. Minha suposta inferioridade? Um gracejo, do qual era melhor rir. Esqueci isso tudo, mas com a condição de que o mundo não se esquivasse mais de mim. Eu tinha que testar meus incisivos. Podia senti-los robustos. E então...

Como? Embora fosse eu que tivesse todos os motivos para odiar, para detestar, eles me rejeitavam? Embora devessem me suplicar e rogar, negavam-me qualquer tipo de reconhecimento? Já que era impossível que eu me desprendesse de um *complexo inato*, decidi me afirmar como NEGRO [Noir]. Já que o outro hesitava em me reconhecer, só restava uma solução: fazer com que me conhecessem.

Jean-Paul Sartre, em “Reflexões sobre a questão judaica”, escreveu: “[Os judeus] deixaram-se envenenar por determinada representação que os outros fazem deles e vivem no temor de que seus atos se conformem a tal representação. Assim, poderíamos dizer, retomando um termo de que nos servimos há pouco, que suas condutas apresentam-se perpetuamente superdeterminadas a partir do interior”.⁵

Mesmo assim, o judeu pode ser ignorado em sua judeidade. Ele não é integralmente aquilo que é. Esperam por ele, aguardam-no. Seus atos e seu comportamento serão decisivos, em última instância. É um branco e, com exceção de alguns traços muito discutíveis, pode até passar despercebido. Pertence à raça dos que, por toda a história, evitaram a antropofagia. Mas que ideia, devorar o próprio pai! Se tudo estiver em ordem, basta não ser negro. É claro que os judeus são intimidados – o que estou dizendo? –, são perseguidos, exterminados, enviados aos fornos, mas essas são querelas em família. O judeu deixa de ser amado a partir do momento em que é identificado. Mas, no meu caso, tudo ganha uma *nova* cara. Nenhuma chance me é concedida. Sou sobredeterminado a partir do exterior. Não sou escravo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparência.

Chego lentamente ao mundo, já acostumado a não me arrogar aparições repentinas. Eu me movo rastejando. E já me dissecam os olhares brancos, os únicos verdadeiros. Sou *fixado*. Uma vez ajustado seu micrótomo, eles objetivamente realizam cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um negro, ora essa!

Eu me arrasto pelos cantos, encontrando com minhas longas antenas os axiomas dispersos pela superfície das coisas – a roupa do negro cheira a

negro – os dentes do negro são brancos – os pés do negro são grandes – o peito largo do negro –; eu me arrasto pelos cantos, fico em silêncio, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam só, aceito tudo, desde que possa passar despercebido!

— Ei, venha cá que apresento você ao meu colega negro... Aimé Césaire, homem negro, catedrático da universidade... Marian Anderson, a maior cantora negra... O dr. Cobb, inventor do sangue branco, é um negro...
6 Ei, diga olá ao meu amigo martinicano (tenha cuidado, ele é muito suscetível)...

A vergonha. A vergonha e o desprezo por mim mesmo. A náusea. Quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor... Por um lado ou por outro, sou prisioneiro do círculo vicioso.

Afasto-me desses perscrutadores do pré-dilúvio e me agarro aos meus irmãos, negros como eu. Para o meu horror, eles me rejeitam. São quase brancos, eles. E além disso se casarão com uma branca. Terão filhos levemente morenos... Quem sabe, pouco a pouco, eventualmente...

Eu havia sonhado.

— Como vê, senhor, sou um dos mais negrófilos de Lyon.

A evidência estava ali, implacável. Minha negrura estava ali, densa e indiscutível. E ela me atormentava, me perseguia, me inquietava, me exasperava.

Os negros são selvagens, estúpidos, analfabetos. Mas, no meu caso, eu sabia que essas proposições eram falsas. Havia um mito do negro que era preciso demolir a qualquer preço. Não estávamos mais no tempo em que as pessoas se maravilhavam ao ver um padre negro. Tínhamos médicos, professores, estadistas... Sim, mas nesses casos persistia algo de insólito. “Temos um professor de história senegalês. Ele é muito inteligente... Nosso médico é um negro. Ele é muito afável.”

Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a me fragilizar, tremia ao menor sinal de alerta. Sabia, por exemplo, que, se o médico cometesse um erro, estariam acabados ele e todos os que o sucedessem. O que se pode esperar, na verdade, de um médico negro? Enquanto tudo estivesse correndo bem, era alçado às nuvens, mas cuidado, não faça nenhuma besteira, em hipótese alguma! O médico negro jamais saberá a que ponto sua posição beira o descrédito. Eu lhes digo, já estive emparedado: nem minhas atitudes civilizadas, nem meus conhecimentos

literários, nem minha compreensão da teoria quântica eram vistos com bons olhos.

Eu reclamava, exigia explicações. Delicadamente, como se fala a uma criança, revelavam-me a existência de determinada opinião compartilhada por certas pessoas, mas acrescentavam que “era de esperar que logo desaparecesse”. O que seria aquilo? O preconceito de cor.

O preconceito de cor nada mais é do que um ódio irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que consideram inferiores a si próprios e, subsequentemente, o amargo ressentimento daqueles que são subjugados à força e com frequência insultados. Como a cor é o sinal externo mais visível da raça, tornou-se o critério a partir do qual se julgam as pessoas, sem levar em conta suas conquistas educacionais e sociais. As raças de pele clara passaram a desprezar as raças de pele escura e estas se recusam a aceitar por mais tempo a condição apagada que se pretende impor a elas.²

Li com atenção. Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava diante de algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada mais traumatizante para a criança pequena do que o contato com o racional. Pessoalmente, eu diria que, para um homem que só tem a razão como arma, não há nada mais neurótico que o contato com o irracional.

Senti brotarem em mim lâminas afiadas. Tomei a decisão de me defender. Como bom estrategista, queria racionalizar o mundo, mostrar ao branco que ele estava enganado.

Há no judeu, diz Jean-Paul Sartre,

uma espécie de imperialismo apaixonado da razão: pois não deseja apenas convencer seus interlocutores de que está com a verdade, mas seu objetivo é convencê-los de que existe um valor absoluto e incondicionado do racionalismo. Considera-se um missionário do universal; em face da universalidade da religião católica, da qual está excluído, quer estabelecer a “catolicidade” do racional, instrumento para atingir o verdadeiro laço espiritual entre os homens.³

E, acrescenta o autor, por mais que haja judeus dispostos a fazer da intuição a categoria fundamental da sua filosofia, sua intuição

não se assemelha em nada ao espírito de sutileza pascaliano; e é esse espírito de sutileza, incontestável e movediço, alicerçado em milhares de percepções imperceptíveis, que parece ao judeu o seu pior inimigo. Quanto a Bergson, sua filosofia oferece o curioso aspecto de uma doutrina anti-intelectualista inteiramente erigida pela inteligência mais raciocinadora e crítica. É argumentando que estabelece a existência de uma duração pura, de uma intuição filosófica; e essa mesma intuição que descobre a duração ou a vida é universal porque cada qual pode praticá-la e visa o universal porquanto seus objetos podem ser nomeados e concebidos.⁴

Com afínco, passei a inventariar, a sondar o entorno. Ao longo do tempo, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, desentranhava-se o preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o negro era um ser humano; tanto *in vivo* quanto *in vitro*, o negro havia se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurava a vitória em todos os aspectos. Eu voltava a ser admitido às assembleias. Mas precisei perder as ilusões.

A vitória brincava de gato e rato; debochava de mim. Como dizia o outro, quando estou em um lugar, ela não está, e, quando ela está, sou eu que já não estou. No plano das ideias, estávamos de acordo: o negro é um ser humano. Quer dizer, acrescentavam os menos convictos, ele tem como nós o coração à esquerda. Mas o branco, em certas questões, seguia irreduzível. Por nada no mundo ele admitia intimidade entre as raças, pois, como se sabe, “os cruzamentos entre raças diferentes baixam o nível psíquico e mental... Até que tenhamos um conhecimento mais bem fundado sobre os efeitos do cruzamento das raças, faríamos bem em evitar os cruzamentos entre raças muito distantes”.¹⁰

Quanto a mim, saberia bem como reagir. E, em certo sentido, se precisasse me definir, diria que espero; questiono o entorno, interpreto tudo com base nas minhas descobertas, tornei-me sensitivo.

No princípio da história que os outros me contaram, colocaram em posição de destaque o pedestal da antropofagia, para que eu não a esquecesse. A respeito dos meus cromossomos, descreviam alguns genes mais ou menos espessos, representando o canibalismo. Assim como os *sex-linked*, descobriam os *racial-linked*. Uma vergonha essa ciência!

Mas entendo esse “mecanismo psicológico”. Pois, como todo o mundo sabe, é apenas psicológico esse mecanismo. Há dois séculos, eu estava perdido para a humanidade, para sempre um escravo. E então chegaram homens declarando que tudo aquilo já havia perdurado tempo demais. Minha tenacidade fez o resto; estava a salvo do dilúvio civilizador. Dei um passo à frente...

Tarde demais. Tudo foi planejado, encontrado, comprovado, explorado. Minhas mãos nervosas nada trouxeram de volta; a jazida se esgotou. Tarde demais! Mas isso eu também quero entender.

Faz tempo que há quem se queixe de ter chegado tarde demais e de tudo já ter sido dito, parece existir uma nostalgia do passado. Seria esse o paraíso

original perdido de que falava Otto Rank? Quantos daqueles aparentemente fixados ao útero do mundo dedicaram a vida à intelecção dos oráculos de Delfos ou se esforçaram para refazer o périplo de Ulisses! Os pan-espiritualistas, querendo provar a existência de uma alma nos animais, utilizam o seguinte argumento: um cachorro se deitou sobre o túmulo de seu dono e ali morreu de fome. Coube a [Pierre] Janet demonstrar que o tal cachorro, ao contrário do ser humano, foi simplesmente incapaz de liquidar o passado. Falam da grandeza grega, diz Artaud; mas, ele acrescenta, se hoje as pessoas já não compreendem as *Coéforas*, de Ésquilo, é Ésquilo que está errado. É em nome da tradição que os antissemitas valorizam seu “ponto de vista”. É em nome da tradição, desse longo passado histórico, desse parentesco de sangue com Pascal e Descartes, que se diz aos judeus: vocês seriam incapazes de encontrar seu lugar na comunidade. Recentemente, um desses bons franceses declarou, num trem em que eu havia tomado assento: “Que as virtudes verdadeiramente francesas subsistam e a raça estará salva! No momento atual, é preciso concretizar a união nacional. Chega de lutas internas! Confrontemos os estrangeiros” (e, virando-se para o meu lado:) “quem quer que sejam”.

Deve-se dizer em sua defesa que ele fedia a vinhaça; se pudesse, teria dito que meu sangue de escravo liberto não era capaz de se agitar ao nome de Villon ou de Taine.

Uma vergonha!

O judeu e eu: não satisfeito em me racializar, por um feliz acaso, eu me humanizava. Eu me unia ao judeu, irmãos na desgraça.

Uma vergonha!

À primeira vista, pode parecer surpreendente que a atitude do antissemita se assemelhe à do negrófobo. Foi meu professor de filosofia, de origem antilhana, que me alertou um dia: “Quando ouvir falar mal dos judeus, fique atento, estão falando de você”. E achei que ele tinha razão num sentido universal, compreendendo naquilo que eu era responsável, em meu corpo e em minha alma, pelo destino reservado ao meu irmão. De lá para cá, entendi que ele basicamente queria dizer: um antissemita é necessariamente um negrófobo.

Vocês chegaram muito tarde, tarde demais. Sempre haverá um mundo – branco – entre vocês e nós... Essa impossibilidade de o outro liquidar de uma vez por todas o passado. É compreensível que, diante dessa ancilose afetiva do branco, eu chegasse a decidir soltar meu grito negro. Pouco a

pouco, lançando pseudópodos aqui e ali, secretei uma raça. E essa raça cambaleava sob o peso de um elemento fundamental. Qual era ele? O *ritmo*! Ouçam Senghor, nosso bardo:

É a coisa mais sensível e a menos material. É o elemento vital por excelência. É a condição primordial e o signo da Arte, como a respiração da vida; a respiração que se acelera ou se demora, que se torna regular ou espasmódica, conforme a tensão do ser, o grau e a qualidade da emoção. Esse é o ritmo primitivamente em sua pureza, tal como nas obras-primas da Arte Negra, sobretudo da escultura. Ele é feito de um tema – forma escultural – que se contrapõe a um tema irmão, como a inspiração em relação à expiração, e que é retomado. Não é do tipo de simetria que engendra a monotonia; o ritmo é vivo, é livre... É assim que o ritmo atua sobre o que há de menos intelectual em nós, despoticamente, para nos fazer penetrar na espiritualidade do objeto; e esse nosso gesto de entrega é em si mesmo rítmico.¹¹

Será que li corretamente? Voltei a ler inúmeras vezes. Do lado de lá do mundo branco, uma feérica cultura negra me saudava. Escultura negra! Comecei a enrubescer de orgulho. Estava ali a salvação?

Eu havia racionalizado o mundo e o mundo me havia rejeitado em nome do preconceito de cor. Já que, no plano da razão, o entendimento não era possível, recuei para a irracionalidade. Compete ao branco ser mais irracional que eu. Em prol da causa, eu havia adotado o processo regressivo, mas permanecia o fato de que se tratava de uma arma que me era estranha; aqui estou em casa; fui feito do irracional; estou atolado no irracional. Irracional até o pescoço. E agora, vibre, minha voz!

*Os que não inventaram nem a pólvora nem a bússola
os que nunca souberam domar o vapor nem a eletricidade
os que não exploraram nem os mares nem o céu
mas conhecem nos seus menores recantos o país do sofrimento
os que só provaram viagens de desenraizamentos
os que se tornaram flexíveis nos ajoelhamentos
os que foram domesticados e cristianizados
os que foram inoculados de abastardamento...*

Sim, todos esses são meus irmãos – uma “fraternidade áspera” nos enlaça por igual. Depois de ter sustentado a tese menor, invoco outra coisa por cima da amurada.

*... mas aqueles sem os quais a terra não seria a terra
gibosidade tanto mais benfazeja quanto mais a terra deserta a terra
silo onde se preserva e amadurece o que a terra tem de mais terra
minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor do dia
minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto da terra
minha negritude não é uma torre nem uma catedral*

*ela mergulha na carne rubra do solo
ela mergulha na carne ardente do céu
ela perfura o abatimento opaca com sua reta paciência.*¹²

Eia! O tam-tam algaravia a mensagem cósmica! Só o negro é capaz de transmiti-la, de decifrar o seu sentido, o seu alcance. Montado sobre o mundo, com os calcanhares vigorosamente contra os flancos do mundo, lustro o pescoço do mundo, tal como o sacrificador faz no intercílio da vítima.

*... mas se abandonam, por inteiro, à essência de todas as coisas
ignorantes das superfícies mas entregues ao movimento de todas as coisas
despreocupados de domar, mas jogando o jogo do mundo*

*verdadeiramente os filhos primogênitos do mundo
porosos a todos os sopros do mundo
eira fraterna de todos os sopros do mundo
leito sem dreno de todas as águas do mundo
fagulha do fogo sagrado do mundo
carne da carne do mundo palpitando com o próprio movimento do mundo!*¹³

Sangue! Sangue!... Nascimento! Vertigem do devir! Três quartos de mim avariados no desatino do dia, sentia-me vermelhar de sangue. As artérias do mundo, revolvidas, rasgadas, arrancadas, voltaram-se para mim e me fecundaram.

*Sangue! Sangue! todo o nosso sangue movido pelo coração másculo do sol!*¹⁴

O sacrifício servira de meio-termo entre mim e a criação – encontrei não mais as origens, mas a Origem. Contudo, era preciso desconfiar do ritmo, da amizade Terra-Mãe, esse casamento místico, carnal, entre o grupo e o cosmos.

Em *La Vie sexuelle en Afrique noire* [A vida sexual na África Negra], trabalho rico em observações, De Pédrals sugere que ainda existe na África, qualquer que seja o âmbito considerado, certa estrutura mágico-social. E, acrescenta,

todos esses elementos são aqueles que encontramos numa escala ainda mais ampla no que se refere às sociedades secretas. Na medida, aliás, em que os circuncisos e as excisadas, operados na adolescência, não devem, sob pena de morte, divulgar aos não iniciados aquilo a que foram submetidos, e na medida em que a iniciação a uma sociedade secreta sempre recorre a atos de *amor sagrado*, seria apropriado concluir considerando a circuncisão, a excisão e os ritos que eles ilustram como constitutivos de sociedades secretas menores.¹⁵

Caminho sobre cardos brancos. Lençóis de água ameaçam minha alma de fogo. Perante esses ritos, redobro minha atenção. Magia negra! Orgias, sabás, cerimônias pagãs, gris-gris. O coito é a ocasião para invocar os deuses da fratria. É um ato sagrado, puro, absoluto, favorecendo a intervenção de forças invisíveis. O que pensar de todas essas manifestações, de todas essas iniciações, de todas essas operações? Para onde quer que eu olhe, vejo a obscenidade de danças, de oferecimentos. Ao pé do meu ouvido ressoa um cântico:

*Nossos corações costumavam ficar quentes
Agora estão frios
Agora só pensamos no Amor
Voltando à aldeia
Quando encontraremos um grande falo
Ah, como será bom o amor que faremos
Pois nosso sexo estará seco e limpo.¹⁶*

O solo, ainda há pouco mensageiro contido, começa a brincar. Serão elas virgens, essas ninfomaníacas? Magia Negra, mentalidade primitiva, animismo, erotismo animal, tudo isso reflui para mim. Tudo isso caracteriza povos que não acompanharam a evolução da humanidade. Trata-se aí, conforme se queira, de uma humanidade rebaixada. Tendo chegado a este ponto, hesitei longamente antes de me envolver. As estrelas se tornaram agressivas. Eu tinha que escolher. Que estou dizendo? Eu não tinha escolha...

Sim, nós (os negros) somos primitivos, diretos, livres nas nossas manifestações. É que o corpo, para nós, não se contrapõe ao que vocês chamam de mente. Estamos no seio do mundo. E viva o casal Homem-Terra! Aliás, os nossos homens de letras me ajudam a convencê-los; a sua civilização branca negligencia as riquezas finas, a sensibilidade. Ouçam:

Sensibilidade emotiva. *A emoção é negra como a razão é helênica.* Água que todos os suspiros encrespam? Alma de campo aberto, sacudida pelos ventos e de onde o fruto costuma cair antes de madurar? Sim, até certo ponto, o negro hoje é mais rico *em dons do que em obras.* Mas a árvore mergulha suas raízes na terra. O rio corre fundo, arrastando lascas preciosas. E como canta o poeta afro-americano Langston Hughes:

*Conheci rios:
Rios antigos, escuros.*

Minha alma se tornou profunda como os rios.

A própria natureza da emoção, da sensibilidade do negro, explica, por outro lado, sua atitude diante do objeto apreendido com uma violência tão elementar. É uma entrega que se torna

necessidade, atitude ativa de comunhão, ou mesmo de identificação, por menor que seja a força da ação – diria até da personalidade – do objeto. Atitude rítmica, guardemos esse termo.¹⁷

E eis o negro reabilitado, “de pé no passadiço”, governando o mundo com sua intuição, o negro recuperado, recomposto, reavido, assumido, e é um negro, não, não é um negro, mas o negro, alertando as antenas fecundas do mundo, plantado no palco do mundo, aspergindo o mundo com sua força poética, “poroso a todos os sopros do mundo”. Eu me caso com o mundo! Eu sou o mundo! O branco jamais compreendeu essa substituição mágica. O branco quer o mundo; ele o quer apenas para si mesmo. Ele se descobre senhor predestinado deste mundo. Ele o escraviza. Estabelece-se entre o mundo e ele um vínculo apropriativo. Mas existem valores que só combinam com o meu molho. Como feiticeiro, roubo do branco “um certo mundo”, perdido para ele e para os seus. Naquele dia, o branco deve ter sentido como resposta um choque que não conseguiu identificar, tão pouco habituado que está a essas reações. É que, por cima do mundo objetivo das terras e das bananeiras ou seringueiras, eu havia delicadamente instituído o mundo verdadeiro. A essência do mundo era o meu bem. Entre mim e o mundo se estabelecia uma relação de coexistência. Eu havia recuperado o Um primordial. Minhas “mãos sonoras” devoravam a garganta histórica do mundo. O branco teve a penosa sensação de que eu lhe escapava e de que levava algo comigo. Ele me revirou os bolsos. Passou a sonda até a mais recôndita das minhas circunvoluções. Por todo lado eram coisas conhecidas. Mas era evidente que eu guardava um segredo. Interrogaram-me; esquivando-me com um ar misterioso, murmurei:

Tokô'Waly, meu tio, você lembra das noites de outrora, quando minha cabeça se abatia sobre as costas da sua paciência?

Ou que, de mãos dadas, a sua mão me guiava por trevas e signos?

Os campos estão floridos de vaga-lumes; as estrelas pousam na relva nas árvores.

O silêncio ao redor.

A zumbir só os aromas de mato, enxames de abelhas pedreiras que dominam a sutil vibração dos grilos

E um tam-tam velado, a respiração no fundo da noite.

Você, Tokô'Waly, você escuta o inaudível

E você me explica o que dizem os Ancestrais na serenidade marinha das constelações

O Touro o Escorpião o Leopardo, O Elefante os Peixes conhecidos

E a pompa láctea dos Espíritos pela crosta celeste que não tem fim.

Mas vejam a inteligência da deusa Lua e que caíam os véus das trevas.

Noite da África minha noite negra, mística e clara negra e brilhante¹⁸

Eu me tornava o poeta do mundo. O branco havia descoberto uma poesia que nada tinha de poética. A alma do branco estava corrompida e, como me disse um amigo que dava aulas nos Estados Unidos: “Os negros, perante os brancos, representam em certa medida uma garantia para a humanidade. Quando os brancos se sentem por demais mecanizados, voltam-se aos homens de cor para lhes pedir um pouco de alimento humano”. Finalmente eu era reconhecido, já não era um nada.

Não tardaria a perder as ilusões. O branco, atônito por um instante, logo me explicou que, geneticamente, eu representava um estágio: “Suas qualidades foram exauridas por nós. Tivemos místicos da terra como vocês jamais conhecerão. Debrucem-se sobre nossa história, vocês compreenderão até onde foi essa fusão”. Então tive a impressão de repetir um ciclo. Minha originalidade era extorquida de mim. Passei um bom tempo a chorar e depois voltei à vida. Mas eu era atormentado por uma série de fórmulas dissolventes: o odor *sui generis* do negro... a bonomia *sui generis* do negro... a ingenuidade *sui generis* do negro...

Eu havia tentado fugir de esguelha, mas os brancos vieram para cima de mim e me talharam o jarrete esquerdo. Percorri os limites da minha essência; que não restem dúvidas, eram bem estreitos. Foi nesse nível que se deu minha descoberta mais extraordinária. Essa descoberta, a bem dizer, foi uma redescoberta.

Vasculhei vertiginosamente a antiguidade negra. O que nela descobri me deixou sem fôlego. Em seu livro *L'Abolition de l'esclavage* [A abolição da escravidão], Schœlcher nos ofereceu argumentos peremptórios. Depois disso, Frobenius, Westermann, Delafosse, todos brancos, engrossaram o coro: Segu, Djenné, cidades de mais de 100 mil habitantes. Falaram de doutores negros (doutores em teologia que iam a Meca discutir o Corão). Tudo isso exumado, esparramado, com as vísceras ao vento, permitiu que eu encontrasse uma categoria histórica válida. O branco tinha se enganado, eu não era um primitivo, tampouco um meio homem; eu pertencia a uma raça que já trabalhava o ouro e a prata havia 2 mil anos. Além disso, havia outra coisa, outra coisa que o branco era incapaz de entender. Ouçam:

Quem eram, afinal, esses homens a quem, ao longo dos séculos, uma selvageria inigualável arrancou de seu país, de seus deuses, de suas famílias?

Homens gentis, educados, cortesões, certamente superiores a seus algozes, esse bando de aventureiros que destruíam, violavam, insultavam a África para melhor despojá-la.

Eles eram capazes de construir casas, administrar impérios, erguer cidades, cultivar os campos, fundir os minerais, fiar o algodão, forjar o ferro.

Sua religião era bela, feita de misteriosos contatos com o fundador da cidade. Seus costumes cativantes, fundados na solidariedade, no altruísmo, no respeito aos mais velhos.

Nenhuma coerção, mas sim cooperação, a alegria de viver, a disciplina livremente consentida.

Ordem – Intensidade – Poesia e Liberdade.

Do indivíduo livre de angústia ao chefe quase fabuloso, uma cadeia contínua de entendimento e de confiança. Não havia ciência? Com certeza, mas para protegê-los do medo eles tinham grandes mitos, nos quais a observação mais apurada e a imaginação mais arrojada se equilibravam e se fundiam. Não havia arte? Tinham sua magnífica estatuária, na qual a emoção humana nunca explode com fúria tal que se furte a ordenar, em função das obsessivas leis do ritmo, os grandes planos de uma matéria intimada a captar, para redistribuí-las, as mais secretas forças do universo [...].

Monumentos em pleno coração da África? Escolas? Hospitais? Não havia um só burguês do século XX, nenhum Durand, nenhum Smith ou Brown que suspeitasse de sua existência na África de antes dos europeus [...].

Mas Schœlcher aponta sua existência, invocando [René] Caillié, [Gaspard Théodore] Mollien e os irmãos [Richard e John] Lander. E, apesar de não mencionar em lugar nenhum que, ao desembarcar nas margens do Congo em 1498, os portugueses descobriram um Estado rico e florescente e que, na capital Ambasse, os dignitários da corte estavam vestidos com seda e brocado, ele pelo menos sabe que a África se alçou por conta própria a uma concepção jurídica do Estado e desconfia, em pleno século do imperialismo, que a civilização europeia, apesar de tudo, é só uma civilização entre outras – e não a mais afável delas.¹⁹

Coloquei o branco no seu lugar; entusiasmado, empurrei-o e joguei na sua cara: ajuste-se você a mim, eu não me ajusto a ninguém. Eu gargalhava com a boca apinhada de estrelas. A olhos vistos, o branco grunhia. Seu tempo de reação alongava-se indefinidamente... Eu havia vencido. Exultei.

“Deixe de lado sua história e suas pesquisas sobre o passado e tente se ajustar ao nosso ritmo. Numa sociedade como a nossa, industrializada ao extremo, cientificizada, já não há lugar para sua sensibilidade. É preciso ser duro para ser considerado apto a viver. Não se trata mais de jogar o jogo do mundo, mas de subjugá-lo a golpes de integrais e de átomos. Obviamente”, diziam-me, “de tempos em tempos, quando estivermos cansados da vida em nossos arranha-céus, iremos ao encontro de vocês, como fazemos com nossas crianças... virgens... maravilhadadas... espontâneas. Iremos ao encontro de vocês como quem volta à infância do mundo. Vocês são tão verdadeiros em suas vidas, quer dizer, tão gaiatos... Afastemo-nos por alguns momentos da nossa civilização cerimoniosa e polida e examinemos essas cabeças, esses rostos encantadoramente expressivos. De certa forma, vocês nos reconciliam com nós mesmos.”

Assim, ao meu irracional, contrapunham o racional. Ao meu racional, o “racional verdadeiro”. Todas as vezes em que jogava, eu perdia. Vivenciei

minha hereditariedade. Fiz um balanço completo da minha doença. Queria ser tipicamente negro – isso já não era possível. Queria ser branco – disso, o melhor era rir. E, sempre que tentava, no plano das ideias e da atividade intelectual, reivindicar minha negritude, arrancavam-na de mim. Mostravam-me como minha atitude não passava de um termo na dialética:

Mas há algo mais grave: o negro, afirmamos, cria para si mesmo um racismo antirracista. Não aspira de modo algum a dominar o mundo: quer a abolição dos privilégios étnicos, venham de onde vierem; afirma sua solidariedade com os oprimidos de todas as cores. De pronto, a noção subjetiva, existencial, étnica de negritude “passa”, como diz Hegel, àquela – objetiva, positiva, exata – de proletariado. “Para Césaire, declara Senghor, o ‘branco’ simboliza o capital, como o Negro o trabalho... Através dos homens de pele negra de sua raça, ele canta a luta do proletariado mundial.”

É fácil dizer e menos fácil pensar. E, sem dúvida, não é por acaso que os bardos mais ardentes da Negritude são ao mesmo tempo militantes marxistas.

Isso não impede, todavia, que a noção de raça não torne a cruzar-se com a de classe: aquela é concreta e particular, esta universal e abstrata; uma depende do que Jaspers chama compreensão e a outra da inteligência; a primeira é produto de um sincretismo psicobiológico e a outra, uma construção metódica a partir da experiência. Na realidade, a Negritude aparece como o tempo fraco de uma progressão dialética: a afirmação teórica e prática da supremacia do branco constitui a tese; a posição da Negritude como valor antitético não possui autossuficiência e os negros que o usam o sabem muito bem; sabem que visa preparar a síntese ou a realização do humano numa sociedade sem raças. Assim a Negritude é para se destruir, é passagem e não término, meio e não fim último.²⁰

Quando li essa página, senti como se roubassem minha última chance. Declarei a meus amigos: “A geração dos jovens poetas negros acaba de receber um golpe que não poupa ninguém”. Havíamos apelado para um amigo das pessoas de cor e esse amigo não encontrou nada melhor para mostrar do que a relatividade da nossa ação. Dessa vez, esse hegeliano inato esqueceu que a consciência precisa se perder na noite do absoluto, única condição para alcançar a consciência de si. Contra o racionalismo, ele reiterava o lado negativo, mas esquecendo que essa negatividade extrai seu valor de uma absolutez quase substancial. A consciência implicada na experiência ignora, deve ignorar as essências e as determinações do seu ser.

Orfeu negro é um marco na intelectualização do *existir* negro. E o erro de Sartre foi ter querido não apenas chegar à fonte da fonte, mas, de certa forma, estancá-la:

Estancará a fonte da Poesia? Ou, apesar de tudo, tingirá o grande rio negro o mar em que se lança? Não importa: a cada época sua poesia; em cada época, as circunstâncias da história elegem uma nação, uma raça, uma classe para retomar o facho, criando situações que só podem exprimir-se ou superar-se pela Poesia; e ora o ímpeto poético coincide com o ímpeto

revolucionário, ora divergem. Saudemos hoje a oportunidade histórica que permitirá aos negros com tal vigor gritar o grande grito negro que os alicerces do mundo sejam abalados.²¹

E aí está, não sou eu que crio um sentido para mim mesmo, mas é o sentido que já está lá, preexistente, esperando por mim. Não é com a minha miséria de negro mau, com os meus dentes de negro mau e com a minha fome de negro mau que moldo uma tocha para incendiar o mundo, mas é a tocha que já está lá, à espera dessa oportunidade histórica.

Em termos de consciência, a consciência negra se apresenta como densidade absoluta, repleta de si mesma, como etapa preexistente a qualquer cisão, a qualquer abolição de si próprio pelo desejo. Jean-Paul Sartre, nesse estudo, destruiu o entusiasmo negro. Ao devir histórico, havia a imprevisibilidade a ser contraposta. Eu precisava me perder plenamente na negritude. Quiçá algum dia, no seio desse infeliz romantismo...

Em todo caso, *eu precisava* ignorar. Essa luta, mais essa descida, deviam assumir um aspecto de completude. Nada mais desagradável do que a frase: “Você vai mudar, meu rapaz; quando eu era jovem, eu também... Você vai ver, tudo passa...”.

A dialética que introduz a necessidade na base de sustentação da minha liberdade me expulsa de mim mesmo. Ela rompe a minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si mesma. Não sou uma potencialidade de alguma outra coisa, sou plenamente aquilo que sou. Não tenho que perseguir o universal. Não reside em meu íntimo nenhuma probabilidade. Minha consciência negra não se revela como carência. Ela *é*. Ela é adepta de si mesma.

Mas certamente nos dirão que essas afirmações evidenciam um desconhecimento do processo histórico. Então ouçam:

*África guardei tua memória África
estás em mim*

*Como o espinho na ferida
como um fetiche tutelar no centro da aldeia
faz de mim a pedra da tua funda
da minha boca os lábios da tua chaga
dos meus joelhos as colunas partidas da tua derrocada...*

PORÉM

*quero ser apenas da vossa raça
operários camponeses de todos os países [...]
Operário branco de Detroit peão negro do Alabama*

*multidão incalculável das galés capitalistas
o destino nos coloca lado a lado
e renegando a antiga maldição dos tabus de sangue
pisoteamos os destroços das nossas solidões*

*Se a torrente é fronteira
arrancaremos à ravina sua cabeleira
inesgotável
se a Sierra é fronteira
destroçaremos a mandíbula dos vulcões
atestando as cordilheiras
e a planície será a esplanada da aurora
onde se reagruparão nossas forças dispersas
pelo ardil dos nossos senhores
Como a contradição dos traços
se resolve na harmonia do rosto
proclamamos a unidade do sofrimento
e da revolta
de todos os povos por toda a superfície da terra

e misturamos o cimento dos momentos fraternos
ao pó dos ídolos.²²*

Justamente, responderemos, a experiência negra é ambígua, pois não existe *um negro*, mas sim *negros*. Quanta diferença em relação a este outro poema, por exemplo:

*O branco matou meu pai
Pois meu pai era altivo
O branco estuprou minha mãe
Pois minha mãe era bela
O branco vergou meu irmão sob o sol das estradas
Pois meu irmão era forte
Então o branco se virou para mim
Suas mãos vermelhas de sangue negro
Cuspiu-me na cara o seu desprezo
E com sua voz de senhor:
“Ei, boy, um jarro, toalha e água”.²³*

Também em relação a este:

*Meu irmão com dentes que reluzem ao elogio hipócrita
Meu irmão com óculos de ouro
Sobre os olhos azulecidos pela palavra do Senhor
Meu pobre irmão de smoking com lapelas de seda
Piando e ciciando e pavoneando nos salões da Condescendência
Você nos dá pena
O sol da sua terra não é mais do que uma sombra
Sobre a sua fronte serena de civilizado
E o casebre da sua avó*

*Faz corar um rosto empalidecido por anos de humilhação e mea-culpa
Mas quando farto de palavras sonoras e ocas
Como a caixola que extrapola os seus ombros
Você pisar a terra amarga e vermelha da África
Estas palavras angustiadas cadenciarão os seus passos inquietos:
Sinto-me só, tão só aqui!²⁴*

Em alguns momentos, dá vontade de parar. Expressar o real é tarefa árdua. Mas, quando se mete na cabeça o desejo de expressar a existência, corre-se o risco de encontrar somente o inexistente. O que é certo é que, no momento em que arrisco uma apreensão do meu ser, Sartre, que continua a ser o Outro, priva-me de qualquer ilusão ao me nomear. Então eu lhe digo:

minha negritude não é uma torre nem uma catedral

*ela mergulha na carne rubra do solo
ela mergulha na carne ardente do céu
ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência.²⁵*

Enquanto eu, no paroxismo do vivido e do furor, proclamo isso, ele me lembra de que a minha negritude é apenas um tempo fraco.²⁶ Em verdade, em verdade vos digo, meus ombros escorregaram da estrutura do mundo, meus pés deixaram de sentir a carícia do chão. Sem um passado negro e sem um futuro negro, foi-me impossibilitado existir a minha negraria. Sem que me tivesse tornado branco, já não era mais propriamente negro, eu era um condenado. Jean-Paul Sartre esqueceu que o negro sofre em seu corpo de forma diversa do branco.²⁷ Entre mim e o branco, existe uma inextricável relação de transcendência.²⁸

Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão inicial absoluta. E assumo esta negritude, cujo mecanismo recomponho com os olhos marejados. Por minhas mãos, estas lianas intuitivas, aquilo que havia sido despedaçado é reconstruído, edificado.

Ainda mais violento ressoa o meu clamor: sou um negro, sou um negro, sou um negro...

Como também meu pobre irmão – vivendo sua neurose até o limite e percebendo que está paralisado:

O NEGRO: *Não posso, madame.*

LIZZIE: *O quê?*

O NEGRO: *Não posso atirar nos brancos.*

LIZZIE: *Francamente! Isso poderia incomodá-los, por certo!*

O NEGRO: *Eles são brancos, madame!*

LIZZIE: *E daí? Por serem brancos, eles têm o direito de sangrá-lo como um porco?*

O NEGRO: *Eles são brancos.*

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é negro como a virtude é branca. Todos esses brancos reunidos, de revólver na mão, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável.

O NEGRO: *É assim, madame, é sempre assim com os brancos.*

LIZZIE: *Você também se sente culpado?*

O NEGRO: *Sim, madame.*²⁹

É Bigger Thomas – que tem medo, um medo terrível. Ele tem medo, mas tem medo de quê? De si mesmo. Não se sabe ainda quem ele é, mas ele sabe que o medo habitará o mundo quando o mundo souber. E, sempre que o mundo sabe, o mundo espera algo do negro. Ele tem medo de que o mundo saiba, tem medo do medo que seria o medo do mundo se o mundo soubesse. Como esta velha senhora que nos implorou de joelhos para amarrá-la à sua cama:

— Doutor, sinto o tempo todo esta coisa que me arrebatava.

— Que coisa?

— A vontade de me suicidar. Amarre-me, tenho medo.

Por fim, Bigger Thomas age. Para pôr fim à tensão, ele age, responde à expectativa do mundo.³⁰

É o personagem de *Se ele chiar, deixa rolar*³¹ que faz justamente aquilo que não queria fazer. Essa loira enorme que a todo momento se mete em seu caminho, desfalecente, sensual, oferecida, receptiva, temendo (ansiando) o estupro, acaba por se tornar sua amante.

O negro é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper esse círculo vicioso, ele explode. Não consigo ir ao cinema sem dar de cara comigo. Fico à espera de mim mesmo. No intervalo, pouco antes de o filme recomeçar, espero por mim. Os que estão na minha frente me observam, me espiam, me aguardam. É um negro-pajem que está vindo. O coração me revira a cabeça.

O mutilado da Guerra do Pacífico disse ao meu irmão: “Aceite a sua cor como eu aceito o meu coto; ambos somos vítimas de acidentes”.³²

No entanto, recuso com todo o meu ser essa amputação. Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou

dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido... Ontem, ao abrir os olhos para o mundo, vi o céu se retorcer de uma ponta a outra. Quis me levantar, mas o silêncio eviscerado fluía de volta para mim, com as asas paralisadas. Irresponsável, cavalgando o espaço entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar.

À GUIZA DE CONCLUSÃO

Não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do século XIX pode colher a sua poesia. Ela não pode começar a dedicar-se a si mesma antes de ter despedido toda a superstição que a prende ao passado. As revoluções anteriores tiveram de recorrer a memórias históricas para se insensibilizar em relação ao seu próprio conteúdo. A revolução do século XIX precisa deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo. Naquelas, a fraseologia superou o conteúdo; nesta, o conteúdo supera a fraseologia.
KARL MARX, O 18 de Brumário

Já posso ver os rostos de todos aqueles que me pedirão para esclarecer este ou aquele ponto, para condenar esta ou aquela conduta.

É óbvio, e não deixarei de reiterar, que o esforço de desalienação do médico de origem guadalupense pode ser entendido a partir de motivações essencialmente distintas daquelas do negro que trabalha na construção do porto de Abidjan. Para o primeiro, a alienação é de natureza quase intelectual. É na medida em que concebe a cultura europeia como um meio de se despojar da sua raça que ele se faz passar por alienado. Para o segundo, é como vítima de um regime baseado na exploração de uma determinada raça por outra, no desprezo de uma certa humanidade por uma forma de civilização considerada superior.

Não levamos a ingenuidade ao ponto de acreditar que os apelos à razão ou ao respeito pelo ser humano podem mudar a realidade. Para o negro que trabalha nos canaviais de Le Robert,¹ só existe uma solução: a luta. E ele empreenderá e travará essa luta não seguindo uma análise marxista ou idealista, mas simplesmente porque só será capaz de conceber a sua existência sob a forma de um combate travado contra a exploração, a miséria e a fome.

Não nos ocorreria pedir a esses negros que corrigissem a visão que têm da história. Na verdade, estamos convencidos de que, sem saber, eles adentram a nossa perspectiva, habituados que estão a falar e a pensar em relação ao presente. Os poucos companheiros que tive a oportunidade de conhecer em Paris nunca levantaram a questão da descoberta de um passado negro. Eles sabiam que eram negros, mas, como me disseram, isso não muda nada de nada.

No que estavam cobertos de razão.

A respeito disso, permito-me fazer uma observação que encontrei em muitos autores: a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa.

E chamo de sociedade burguesa qualquer sociedade que se esclerosa em formas específicas, impedindo qualquer evolução, qualquer avanço, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, em que a vida não é boa, onde o ar é pútrido, com as ideias e as pessoas em putrefação. E creio que um homem que se posiciona contra essa morte é, de certo modo, um revolucionário.

A descoberta da existência de uma civilização negra no século XV não me garante um certificado de humanidade. Querendo ou não, de forma alguma o passado será capaz de me guiar no presente.

Como pudemos ver, a situação que estudei não é clássica. A objetividade científica estava proibida para mim, pois o alienado, o neurótico, era meu irmão, era minha irmã, era meu pai. Tenho constantemente tentado revelar ao negro que, em certo sentido, ele é anormal; e, ao branco, que ele é ao mesmo tempo mistificador e mistificado.

O negro, em determinados momentos, está preso em seu corpo. Mas, “para um ser que adquiriu consciência de si e de seu corpo, que alcançou a dialética entre o sujeito e o objeto, o corpo não é mais causa da estrutura da consciência, tornou-se objeto de consciência”.²

O negro, por mais sincero que seja, é escravo do passado. Todavia, sou um ser humano e, nesse sentido, a Guerra do Peloponeso é tão minha quanto a descoberta da bússola. Diante do branco, o negro tem um passado a valorizar, uma vingança a obter; diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de evocar o período antropofágico. Há alguns anos, a Associação Lionesa de Estudantes da França Ultramarina me pediu que respondesse a um artigo que literalmente considerava o jazz uma irrupção do canibalismo no mundo moderno. Sabendo aonde queria chegar, rejeitei as premissas do interlocutor e pedi ao defensor da pureza europeia que se livrasse de um espasmo que nada tinha de cultural. Há homens que querem inchar o mundo com o seu ser. Um filósofo alemão descreveu esse processo como a patologia da liberdade. Nesse caso, o que eu tinha a fazer não era tomar posição em favor da música negra contra a música branca, mas sim ajudar meu irmão a abandonar uma atitude que em nada era benéfica.

O problema aqui considerado se situa na temporalidade. Serão desalienados negros e brancos que se recusarem a se deixar enclausurar na Torre Substancializada do Passado. Para muitos outros negros, a desalienação virá, ademais, da recusa em considerar a atualidade definitiva.

Sou um ser humano e é todo o passado do mundo que tenho a resgatar. Não sou responsável apenas pela Revolta de Santo Domingo.

Toda vez que um ser humano fez aflorar a dignidade do espírito, toda vez que um ser humano disse não a uma tentativa de escravizar o seu semelhante, eu me solidarizei com o seu ato.

De modo algum devo extrair minha vocação primordial do passado dos povos de cor.

De modo algum devo me aferrar em reavivar uma civilização negra injustamente preterida. Eu não me torno o homem de nenhum passado. Não quero celebrar o passado à custa do meu presente e do meu futuro.

Não foi por ter descoberto uma cultura própria que o indochinês se revoltou. Foi “simplesmente” porque, sob vários aspectos, respirar se havia tornado impossível para ele.

Quando relembramos os relatos dos sargentos de carreira que, em 1938, descreviam a terra das piastras e dos riquixás, dos *boys* e das mulheres a preços módicos, compreende-se bem demais a fúria com que lutam os soldados do Viêt Minh.

Um companheiro, que esteve ao meu lado durante a última guerra, regressou da Indochina. Ele me pôs a par de muitas coisas. Por exemplo, da serenidade com que jovens vietnamitas de dezesseis ou dezessete anos tombavam diante de um pelotão de fuzilamento. Uma vez, disse-me ele, fomos obrigados a atirar de joelhos: os soldados tremiam diante desses jovens “fanáticos”. Para concluir, ele acrescentou: “A guerra em que combatemos juntos foi apenas uma brincadeira em comparação com o que está acontecendo por lá”.

Vistas da Europa, essas coisas são incompreensíveis. Alguns alegam existir uma suposta postura asiática em relação à morte. Mas esses filósofos baratos não convencem ninguém. Não faz muito tempo que essa mesma serenidade asiática era evidenciada por conta própria pelos “bandidos” do Vercors e pelos “terroristas” da Resistência.³

Os vietnamitas que morrem diante do pelotão de fuzilamento não esperam que seu sacrifício possibilite o ressurgimento de um passado qualquer. É em nome do presente e do futuro que eles aceitam morrer.

Se em algum momento me surgiu a questão de ser efetivamente solidário com um passado específico, foi na medida em que me comprometi comigo mesmo e com meu próximo a lutar por toda a minha existência e

com todas as minhas forças para que nunca mais haja sobre a Terra povos escravizados.

Não é o mundo negro que dita a minha conduta. Minha pele negra não é depositária de valores específicos. Durante muito tempo, o céu estrelado que deixava Kant ofegante também a nós revelou seus segredos. E a lei moral questiona-se a si mesma.

Como pessoa, estou empenhado em fazer frente ao risco de aniquilação para que duas ou três verdades possam lançar sobre o mundo a sua clareza essencial.

Sartre mostrou que o passado, na linha de uma atitude inautêntica, “captura” em grande escala e, solidamente estruturado, *informa* então o indivíduo. É o passado transmutado em valor. Mas posso também recapturar o meu passado, valorizá-lo ou condená-lo em função das minhas escolhas sucessivas.

O negro quer ser como o branco. Para o negro, há um só destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a inquestionável superioridade do branco e todos os seus esforços visam conquistar uma existência branca.

Será que não tenho mais nada a fazer nesta Terra além de vingar os negros do século XVII?

Deverei eu me questionar, nesta terra que já tenta se esquivar, a respeito do problema da verdade negra?

Deverei eu me ater à justificação de um ângulo facial?⁴

Eu, homem de cor, não tenho o direito de investigar em que medida a minha raça é superior ou inferior a outra raça.

Eu, homem de cor, não tenho o direito de aspirar à cristalização, no branco, de uma culpa em relação ao passado da minha raça.

Eu, homem de cor, não tenho o direito de me preocupar com os meios que me permitirão pisotear o orgulho do antigo senhor.

Não tenho nem o direito nem o dever de exigir reparação pelos meus antepassados cativos.

Não existe missão negra; não existe fardo branco.

Descubro-me um dia num mundo em que as coisas ferem; um mundo em que me convocam para lutar; um mundo em que está sempre em jogo a aniquilação ou a vitória.

Descubro-me, ser humano, num mundo em que as palavras se adornam de silêncio; num mundo em que o outro incessantemente se insensibiliza.

Não, eu não tenho o direito de vir e bradar o meu ódio ao branco. Tampouco tenho o dever de lhe sussurrar minha gratidão.

O que existe é minha vida, presa ao laço da existência. O que existe é minha liberdade, que me remete a mim mesmo. Não, eu não tenho o direito de ser um negro.

Não tenho o dever de ser isto ou aquilo...

Se o branco questiona a minha humanidade, terei de lhe mostrar, fazendo todo o meu peso de ser humano pesar sobre sua vida, que não sou esse “*Y’a bon banania*” que ele insiste em imaginar.

Descubro-me um dia no mundo e reconheço a mim mesmo um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.

Um único dever. O de nunca renunciar à minha liberdade por meio das minhas escolhas.

Não quero ser vítima da *Farsa* de um mundo negro.

Minha vida não deve ser dedicada a fazer um balanço dos valores negros.

Não existe um mundo branco, não existe uma ética branca nem tampouco uma inteligência branca.

O que existe, de ambos os lados do mundo, são homens que buscam.

Não sou prisioneiro da História. Não devo buscar nela o sentido do meu destino.

Devo me lembrar a todo momento de que o verdadeiro *salto* consiste em introduzir na existência a invenção.

No mundo para onde estou indo, eu me crio incessantemente.

Sou solidário com o Ser, na medida em que o supero.

E vemos delinear-se, por meio de um problema específico, o problema da Ação. Situado neste mundo, em situação, “embarcado”, como diria Pascal, passarei a acumular armas?

Exigirei ao branco de hoje que se responsabilize pelos traficantes de escravos do século XVII?

Buscarei por todos os meios inculcar a culpa nas almas?

Dor moral diante da densidade do Passado? Sou negro e toneladas de grilhões, tempestades de golpes, rios de cusparadas escorrem pelas minhas costas.

Mas não tenho o direito de me deixar aferrar. Não tenho o direito de aceitar que nem mesmo uma mínima fração o seja na minha existência. Não

tenho o direito de me deixar enredar pelas determinações do passado.

Não sou escravo da Escravidão que desumanizou meus pais.

Para muitos intelectuais de cor, a cultura europeia assume um caráter de exterioridade. Além disso, nas relações humanas, o negro pode se sentir alheio ao mundo ocidental. Não querendo fazer o papel de primo pobre, de filho adotivo, de bastardo, passará ele a freneticamente tentar descobrir uma civilização negra?

Que acima de tudo nos compreendam. Estamos convencidos de que seria do maior interesse entrar em contato com uma literatura ou uma arquitetura negra do século III a.C. Ficaríamos muito contentes em saber que teria havido uma correspondência entre determinado filósofo negro e Platão. Mas não vemos como esse fato poderia fazer a menor diferença na situação dos meninos de oito anos que trabalham nos canaviais da Martinica ou de Guadalupe.

Não se deve tentar fixar o homem, pois seu destino é estar solto.

A densidade da História não determina nenhum dos meus atos.

Eu sou o meu próprio fundamento.

E é indo além do dado histórico, instrumental, que inicio o ciclo da minha liberdade.

A desgraça da pessoa de cor é ter sido escravizada.

A desgraça e a desumanidade do branco consistem em ter matado o ser humano onde quer que fosse.

Consistem em, ainda hoje, organizar racionalmente essa desumanização. Mas eu, homem de cor, na medida em que me seja possível existir plenamente, não tenho o direito de me confinar em um mundo de reparações retroativas.

Eu, homem de cor, quero apenas uma coisa:

Que o instrumento jamais domine o homem. Que cesse para sempre a escravização do homem pelo homem. Ou seja, de mim por outro. Que me seja permitido descobrir e desejar o homem, onde quer que se encontre.

O negro não existe. Não mais que o branco.

Ambos têm que se distanciar das vozes desumanas dos seus respectivos ancestrais, para que possa surgir uma autêntica comunicação. Antes de enveredar por uma voz positiva, cabe à liberdade um esforço prévio de desalienação. Um homem, no princípio da sua existência, está sempre congestionado, afogado na contingência. A infelicidade do homem é ter sido criança.

É por meio de um esforço de resgate de si mesmo e de depuração, é por meio de uma tensão permanente da sua liberdade que os seres humanos podem criar as condições ideais para a existência de um mundo humano.

Superioridade? Inferioridade?

Por que não tentar simplesmente tocar o outro, sentir o outro, revelar-me o outro?

Minha liberdade não me foi dada afinal para construir o mundo do *Você*?

Ao concluir esta obra, gostaríamos que pudessem sentir como nós a dimensão aberta de toda consciência.

Minha prece derradeira:

Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!

[38](#) O. Mannoni, op. cit., p. 71.

[39](#) Ibid., p. 108.

[40](#) Ibid., p. 106.

[1](#) No original, *békaille*, *mulâtraille* e *négraille*, alusão aos estamentos raciais na sociedade colonial antilhana francesa ou caribenha de um modo mais amplo. *Békaille*, coletivo afrancesado do termo *béké*, refere-se aos brancos locais. Para a etimologia e os sentidos do termo *béké*, ver a nota 3, no capítulo 2, p. 56. [N. T.]

[2](#) Jean Lhermitte, *L'Image de notre corps*. Paris: Ed. de la Nouvelle Revue Critique, 1939, p. 17.

[3](#) Ver a nota 28, no capítulo 1, p. 46. [N. T.]

[4](#) Albert Lebrun, eleito presidente da República Francesa em 1932 e reeleito em 1939 para um segundo mandato que iria até 1946, foi removido da presidência com a instauração do regime de Vichy e impedido de retomá-la após o fim da guerra, em vista do governo formado em torno de Charles de Gaulle. Vinha de uma família de camponeses lorenos. [N. T.]

[5](#) J.-P. Sartre, “Reflexões sobre a questão judaica”, op. cit., p. 65.

[6](#) William Montague Cobb, médico formado em 1929 pela Howard University, foi o primeiro negro a obter doutorado em antropologia nos Estados Unidos, em 1932, e permaneceu o único até meados de 1950. Pioneiro em diversos campos acadêmicos, dedicou-se a combater ideias e estereótipos racistas. A discussão sobre os processos históricos e culturais que explicariam a distribuição do “sangue branco”, do “sangue africano” e do “sangue indígena” na conformação da diversidade demográfica norte-americana ressurgiu em diversos de seus textos, entre eles, “The Negro as a Biological Element in the American Population”. *Journal of Negro Education*, v. 8, n. 3, 1939, pp. 336–48. [N. T.]

[7](#) A. Burns, op. cit., p. 14.

[8](#) J.-P. Sartre, “Reflexões sobre a questão judaica”, op. cit., p. 77.

[9](#) Ibid., p. 79.

[10](#) J. A. Moein, II Congresso Internacional de Eugenia, apud Sir Alan Burns, op. cit.

[11](#) L. Sédar Senghor, “Ce que l’Homme noir apporte”, em S. E. Jean Verdier et al., *L’Homme de couleur*. Paris: Plon, 1939, pp. 309–10.

[12](#) A. Césaire, *Diário de um retorno ao país natal*, op. cit., pp. 61–65.

[13](#) Ibid., p. 65.

[14](#) Ibid., p. 67.

[15](#) Denis-Pierre de Pédrals, *La Vie sexuelle en Afrique noire*. Paris: Payot, 1950, p. 83.

[16](#) Antonin Marius Vergiat, *Les Rites secrets de l’Oubangui*. Paris: Payot, 1936, p. 113.

[17](#) L. Sédar Senghor, “Ce que l’Homme noir apporte”, op. cit., p. 295. Grifos nossos. [Os versos de Langston Hughes citados são os versos finais do poema “The Negro Speaks of Rivers”: *I’ve known rivers: / Ancient, dusky rivers. // My soul has grown deep like the rivers*, N. T.]

[18](#) L. Sédar Senghor, “Que m’accompagnent kôras et balafong”, da coletânea *Chants d’ombre* [1945], em *Poèmes*. Paris: Seuil, 1979, pp. 28–37.

[19](#) A. Césaire, “Préface”, em Victor Schœlcher, *Esclavage et colonisation*. Paris: PUF, 1948, pp. 7–8.

[20](#) J.-P. Sartre, “Orfeu negro”, em *Reflexões sobre o racismo*, op. cit., p. 145.

[21](#) Ibid., p. 149. [Grifos do original, a citação de Césaire foi reproduzida conforme a tradução de Guinsburg. A passagem original – *et je pousserai d’une telle raideur le grand cri nègre que les assises du monde en seront ébranlées* – foi extraída de *Les Armes miraculeuses* (Paris: Gallimard, 1946, p. 156) posteriormente publicada à parte como *Et les chiens se taisaient* (Paris: Présence africaine, 1958, p. 81), e traduzida em português como *E os cães deixaram de ladrar* (trad. Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Diabril, 1975, p. 87): “Quero soltar do peito o grande grito negro que sacudirá os alicerces do mundo”, N. T.]

[22](#) Jacques Roumain, “Prélude”, em *Bois d’ébene, suivi de Madrid* [1945]. Montreal: Mémoire d’Encrier, 2004.

[23](#) David Diop, “Le Temps du martyr/ Trois poèmes”. *Présence Africaine*, v. 1, n. 2, 1948, pp. 235–36.

[24](#) Id., “Le Renégat”, em *Coups de pylon*. Paris: Présence Africaine, 1956.

[25](#) A. Césaire, *Diário de um retorno ao país natal*, op. cit., p. 65.

[26](#) No original, *temps faible*, remetendo, no campo da música, ao acento métrico na organização da escrita rítmica. [N. T.]

[27](#) Apesar de os estudos de Sartre sobre a existência de um outro seguirem válidos (na medida em que, conforme recordamos, *O ser e o nada* descreve uma consciência alienada), sua aplicação a uma consciência negra se mostra inválida. É que o branco é não apenas o Outro, mas também o senhor, real ou imaginário.

[28](#) No sentido conferido ao termo por Jean Wahl, “Être et penser”, *Existence humaine et transcendence*. Neuchâtel: Éditions de la Baconnière, 1944.

[29](#) J.-P. Sartre, *A prostituta respeitosa* [1947], trad. Miroel Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

[30](#) Richard Wright, *Filho nativo: Tragédia de um negro americano* [1940], trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

[31](#) Chester Himes, *Se ele chiar, deixa rolar* [1948], trad. Wladir Dupont. São Paulo: Marco Zero, 1988.

[32](#) *O clamor humano*, filme de Mark Robson, de 1949.

[1](#) Jacques Lacan, “Le Complexe, facteur concret de la psychologie familiale”, em *Encyclopédie française* 8.40–5, 1938.

[2](#) Queremos crer que não seremos processados em razão desta última sentença. Bem poderão os céticos perguntar: “O que você chama de normal?”. Por ora, não é nosso propósito responder a essa questão. Para afastar a demanda mais urgente, citemos *O normal e o patológico* [1966] (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009), trabalho muito instrutivo de Georges Canguilhem, embora centrado exclusivamente no problema biológico. Acrescentamos apenas que, no domínio mental, é anormal aquele que suplica, apela, implora.

[3](#) R. P. (Henri-Louis-Marie-Paul) Trilles, *L’Âme du pygmée d’Afrique: Au coeur de la forêt équatoriale*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1945. [N. T.]

[4](#) *Négrille* no original. O neologismo, um diminutivo de *nègre* utilizado em referência aos povos pigmeus da África Equatorial, foi cunhado e disseminado com base no ensaio de Ernest Théodore Harny, “Essai de coordination des matériaux récemment recueillis sur l’ethnologie des négrières ou pygmées de l’Afrique équatoriale” (*Bulletins et Mémoires de la Société d’Anthropologie de Paris*, v. 2, 1879, pp. 79–101), publicado como excerto pela A. Hennuyer (Paris) em 1879. [N. T.]

[5](#) Placide Frans Tempels, *A filosofia bantu* [1945], trad. Amélia Arlete Mingas e Zavoni Ntondo. Luanda: Kuwindula, Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, 2012. [N. T.]

[6](#) Embora essa reserva seja, em si mesma, questionável. Ver, por exemplo, a comunicação de Juliette Boutonnier: “Não seria a perversão um profundo atraso afetivo, mantido ou gerado pelas condições em que viveu a criança pelo menos tanto quanto pelas disposições constitucionais, que evidentemente continuam a ser implicadas, mas que provavelmente não são as únicas responsáveis?” (*Revue Française de Psychanalyse*, v. 3, 1949, pp. 403–04).

[7](#) Joachim Marcus, “Structure familiale et comportements politiques: L’Autorité dans la famille et dans l’État”. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 13, n. 2, 1949, pp. 277–313.

[8](#) Sigmund Freud, *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Edição standard, v. XI, trad. Verlaine Freitas. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 10. [N. T.]

11 Expressão alusiva à dimensão da população negra nos Estados Unidos na época e que se difundiu graças ao livro publicado com textos de Richard Wright e fotos compiladas por Edwin Rosskam nos arquivos da Farm Security Administration (*Twelve Million Black Voices: A Folk History of the Negro in the United States*. New York: Viking, 1941). [N. T.]

12 Emmanuel Mounier, *L'Éveil de l'Afrique noire*. Paris: Seuil, 1948.

1 Cidade da Martinica.

2 Maurice Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento* [1942], trad. José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975, p. 236.

3 O Maqui do Vercors foi uma importante base da Resistência francesa. Milhares de guerrilheiros se abrigaram no maciço do Vercors em busca da proteção oferecida por suas barreiras naturais. O reduto se manteve ativo até o verão de 1944, quando finalmente foi tomado pelas forças de ocupação da Alemanha nazista. [N. T.]

4 A noção de ângulos faciais, que passou a servir de suporte à ideia racista de uma hierarquia estética das raças, difundiu-se a partir de duas conferências proferidas pelo anatomista holandês Petrus Camper em 1770 e publicadas no mesmo ano. [N. T.]

1 “A explosão não ocorrerá hoje. É muito cedo... ou tarde demais.” Ver p. 21 deste volume.

2 Lewis Gordon, *What Fanon Said*. New York: Fordham University Press, 2015.

3 Paget Henry argumenta que a poética da escrita fanoniana promoveria, como em Édouard Glissant, uma *redução fenomenológica* ou um “deslizamento” (*glissant*) que suspenderia temporariamente as vigílias repressoras para tornar visíveis os elementos mais profundos da consciência individual. Paget Henry, *Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*. New York: Routledge, 2000.

4 Ver p. 154 deste volume.

5 Ver p. 25 deste volume.

6 Francis Jeanson, “Préface”, em Frantz Fanon, *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.

7 Em tradução literal: “É necessário deixar/soltar/largar/libertar o homem”. Ver p. 23 deste volume.

8 F. Jeanson, “Préface”, op. cit.

9 Slavoj Žižek retoma as contribuições de Susan Buck-Morss para argumentar que Fanon foi mais iluminista do que qualquer iluminista foi capaz de sê-lo. Ver Slavoj Žižek, *Primeiro como tragédia, depois como farsa* (trad. Maria Beatriz Mendonça. São Paulo: Boitempo, 2011), e Susan Buck-Morss, *Hegel e o Haiti* (trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2017).

10 Ver Albert Memmi, “Frozen by Death in the Image of Third World Prophet” (*New York Times Book Review*, 14 mar. 1971), e Tony Martin, “Review of Fanon by Peter Geismar, and Frantz Fanon, by David Caute” (*The Journal of Modern African Studies*, v. 9, n. 2, ago. 1971).

11 Para Lola Young, Fanon construiu modelos patológicos de psicosssexualidade das mulheres, representando-as como essencialmente problemáticas e submissas à disputa masculina (negra e branca) pelo reconhecimento. “Missing Persons: Fantasizing Black Women in Black Skin, White Masks”, em Alan Read (org.), *The Fact of Blackness: Frantz Fanon and Visual Representation*. London: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts; Seattle: Bay Press, 1996, pp. 86–101.

12 Gwen Bergner apresenta a questão da seguinte forma: “Embora *Pele negra* seja um texto fundamental para exigir uma abordagem psicanalítica da raça, Fanon, como Freud, considera o homem a norma [...]. Ele não ignora de todo a diferença sexual, mas explora o papel da sexualidade na construção da raça apenas por meio de categorias rígidas de gênero. [...] as mulheres são consideradas sujeitos apenas em termos de suas relações sexuais com homens; o desejo feminino é, portanto, definido como uma sexualidade excessivamente literal e limitada (hetero)”. Gwen Bergner.